

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – MODALIDADE A DISTÂNCIA

Carla Cristine Finato

TRABALHO COLABORATIVO NAS SÉRIES INICIAIS:
ações na turma B12 numa escola municipal
de Porto Alegre.

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – MODALIDADE A DISTÂNCIA

Carla Cristine Finato

TRABALHO COLABORATIVO NAS SÉRIES INICIAIS:
ações na turma B12 numa escola municipal
de Porto Alegre.

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
FACED/UFRGS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aline Lemos da Cunha
Tutora: Simone Gomes.

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade à distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

*Dedico este trabalho a todos
aqueles que contribuíram para
que essa caminhada chegasse
até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família e àqueles que estão próximos, pelo apoio e encorajamento.

Agradeço ao Danilo por todo o encorajamento e por me dar suporte para a realização deste trabalho.

Agradeço à colega e parceira de curso, Selva Luzia, pelo companheirismo.

Agradeço à Supervisora da minha escola, Marta Rocha, por todos os encaminhamentos necessários para meu estágio.

Agradeço aos meus alunos por participarem comigo de muito aprendizado.

Agradeço à Direção, Supervisão, Professores e Setores da minha escola, pela permissão para desenvolver minha prática.

Agradeço a minha Orientadora, Professora Doutora Aline Lemos da Cunha, pela paciência e pelas contribuições à minha formação.

Agradeço à tutora Simone Gomes pelas idéias e auxílio na execução deste trabalho.

Agradeço às professoras do Curso de Pedagogia – Modalidade à Distância, pelos ensinamentos.

“Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem p realmente conhecer”. Paulo Freire, 1971 .

RESUMO

O presente trabalho busca descrever e teorizar reflexões acerca da prática pedagógica realizada no estágio curricular do curso de Pedagogia – Modalidade à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O projeto que norteou este estágio tinha como objetivo o estudo da comunidade nas suas questões ambientais, com ênfase no arroio próximo à escola. Foram discutidas com as crianças, as problemáticas ambientais oriundas das ações da própria comunidade, ressaltando a falta de conscientização sobre a importância da preservação que há naquele lugar. Nossos estudos se basearam em diversos autores, mas, principalmente em Piaget e Vygotsky para tratar da perspectiva construtivista de aprendizagem, nas idéias de Celestin Freinet, sobre a aula-passeio e, também, da inovação trazida pelo Construcionismo de Papert. Esses estudos tornaram-se uma alternativa para qualificar nosso planejamento e nossas ações em sala de aula, assim como nos deram subsídios para uma análise dos resultados e aprendizagens demonstrados pelos alunos da turma B12 de uma escola municipal de Porto Alegre em relação ao trabalho colaborativo nas séries iniciais do ensino Fundamental. Muitas das ações humanas refletem individualmente e outras trazem modificações em todo um grupo social, apesar de nem todas serem positivas ou eficientes, como o caso da falta de cuidados ambientais que aparecem na Vila M.A.P.A. O processo de conhecimento foi construído ao redor do tema Educação Ambiental, mas conduzido sempre pelo “fio” da realidade próxima de cada aluno, o dia-a-dia da Vila M.A.P.A., na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, RS. É inerente a cada ser humano refletir sobre o mundo que o cerca, mas nem sempre sobre o que suas ações podem causar nesse mesmo mundo. As crianças estão permanentemente num processo de construção do conhecimento. Nesse processo, muitas idéias, diferentes linguagens, formas de expressão e significação podem ser percebidas. É na interação com outros indivíduos, que o conhecimento da criança é construído. Através de saídas de campo, discussões e análise de gravuras e fotos, além de outras atividades cotidianas, os alunos da turma B12 demonstraram preocupar-se com a qualidade do ambiente que os cerca, o futuro dos locais degradados visitados por eles e as melhores maneiras de conscientizar os moradores das redondezas da escola para a preservação ambiental e conservação das riquezas naturais que possuem. Com o passar dos meses pudemos observar um crescimento na colaboração entre os alunos, um maior interesse pelas atividades propostas para a aula e uma grande motivação para concretizar

suas aprendizagens. Cada indivíduo é um sujeito que faz escolhas e que sofre as conseqüências destas aprendizagens. Podemos afirmar que o entendimento dos processos de construção do conhecimento auxilia o professor a formular suas atividades de sala de aula. Ao enfrentar e ser confrontado com situações-problema, cada aluno pode reconhecer nos seus pares, alguém que pode lhe dar apoio. O processo decorrido para a solução de um problema é que simboliza o real aprendido por parte das crianças. A partir do exposto, só podemos acreditar que mudar para melhor é possível e que as crianças e jovens das nossas salas de aula são o caminho para a construção de uma comunidade cidadã e com melhores possibilidades de qualidade de vida.

Palavras-chave: Trabalho cooperativo. Piaget. Vygotsky. Freinet. Papert. Construtivismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. TEORIAS INSPIRADORAS.....	12
2. PRÁTICA DOCENTE: ALGUNS RELATOS.....	19
2.1. A ESCOLA.....	200
2.2. RELATOS DA PRÁTICA	233
2.3. AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES E ALGUMAS REFLEXÕES.....	266
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	344
ANEXOS	366

INTRODUÇÃO

O presente trabalho terá por base reflexões feitas durante a prática pedagógica realizada no estágio do curso de Pedagogia (modalidade à distância) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ocorrido no primeiro semestre do corrente ano em uma turma do primeiro ano do segundo ciclo na EMEF Heitor Villa Lobos, onde atuo como professora. Este trabalho versa sobre as leituras de mundo e suas diferentes interpretações, as percepções sobre questões ambientais e cidadania que os alunos da turma B12 trazem consigo. O projeto que norteou este estágio tinha como objetivo o estudo da comunidade nas suas questões ambientais, com ênfase no arroio próximo à escola. Foram discutidas com as crianças, as problemáticas ambientais oriundas das ações da própria comunidade, ressaltando a falta de conscientização sobre a importância da preservação que há naquele lugar.

A proposta de estudo deste trabalho, portanto, parte da idéia da importância das atividades de trabalho colaborativo no cotidiano escolar nos anos iniciais para uma aprendizagem significativa. Apresentamos, então, ao longo deste texto, um estudo sobre a temática do trabalho colaborativo, as possibilidades que este tipo de atividade pode oferecer no cotidiano da sala de aula para que os alunos tenham maior interesse, maior participação, colaboração e efetivamente construam suas produções em grupo de forma coletiva.

Este trabalho de conclusão de curso traz relatos e reflexões acerca das idéias, pensamentos, atividades e ações desenvolvidas ao longo dos encontros com os alunos. Como subsídio teórico ao estudo, nos embasamos em diversos autores que discorrem sobre a construção do conhecimento, os conhecimentos prévios dos alunos, as opiniões críticas, o construtivismo e o construcionismo.

Alguns destes autores são Piaget, Freinet, Vigotsky e outros mais. Juntamente com nossos apontamentos, comentamos o sistema por ciclos adotado na EMEF Heitor Villa Lobos.

As questões que provocaram este estudo são: o que possibilita a eficiência e o maior interesse dos alunos de séries iniciais quando desenvolvem trabalhos colaborativos? De que maneira são suscitadas as aprendizagens nesta proposta?

No primeiro capítulo discorreremos sobre as teorias que nos inspiraram para a construção deste trabalho e para as reflexões sobre nossa prática.

No capítulo seguinte, tratamos acerca da escola onde desenvolvemos nossa prática, sua infra-estrutura e suas características. Para depois discorrermos sobre as práticas de sala de aula e como avaliamos o desenvolver das atividades com os alunos.

Por fim, procuramos lançar algumas idéias sobre as experiências vivenciadas pelos alunos e a maneira como desenvolveram seu aprendizado durante o período de atividades entre abril e junho de 2010.

Acreditamos que este estudo possa contribuir, na área da Educação, para os demais educadores, mesmo que de forma singela, pois apresenta importantes elementos para repensar as práticas realizadas em sala de aula. Torna-se válida a proposta de pesquisa por proporcionar pensamentos e inspirações para a qualificação da prática a todos àqueles docentes que tiverem contato com a nossa produção aqui desenvolvida.

1. TEORIAS INSPIRADORAS

Cada indivíduo é um sujeito que faz escolhas e que sofre as conseqüências destas. A partir disto podemos pensar sobre o que diz SCHWEITZER: "Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante" ¹.

Temas relacionados ao "Meio Ambiente" são muito presentes nas discussões da sociedade. As ações do ser humano estão intimamente ligadas ao ambiente e às formas com que conservam o espaço em que vivem, em todas as esferas, seja no planeta, no país, na cidade ou mesmo na própria escola. As discussões acerca do Meio Ambiente fazem parte dos "Temas Transversais" para o ensino, propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica por isso, também é importante sua abordagem escolar.

O fato das crianças passearem na Vila M.A.P.A.² e presenciarem problemas ambientais, como esgoto sem tratamento correto e poluição de nascentes, foi uma motivação para nosso trabalho em sala de aula. Através da construção de práticas diárias pudemos trabalhar atividades que tratam da necessidade do cuidado com o ambiente e com o entorno das crianças.

Juntamente com os assuntos das atividades diárias enfocamos situações, atitudes e comportamentos demonstrados no cotidiano da escola quanto ao tema.

Através de ações que tivessem como requisito a participação das crianças e que permitissem a aplicação de conceitos acerca da construção de

¹ Disponível em <<http://www.frasesfamosas.com.br/de/albert-schweitzer.html>>. Acesso em 12 out. 2010.

² Movimento Assistencial de Porto Alegre.

conhecimentos tornou-se possível desenvolver a temática e estimular o desenvolvimento cognitivo das crianças.

A curiosidade é inerente ao ser humano, como podemos perceber na declaração de Mattos, Magalhães & Abrão (1991, p. 32) onde salientam que: “a história da evolução do homem mostra seu desejo constante de descobrir, entender e explicar tudo o que ocorre à sua volta”. Por isso, entendemos que cabe ao professor, não ensinar, mas encontrar modos de a própria criança descobrir, criando situações- problema³. Com essa idéia de Piaget, biólogo e epistemólogo suíço do século XX, iniciamos a apresentação das idéias norteadoras do presente trabalho.

Supomos que desde que vem ao mundo, o ser humano possui a “coceira” da curiosidade. Fato que o leva a buscar cada vez mais respostas às suas inquietações e instigou muitos pensadores e educadores a formular teorias acerca da construção do conhecimento.

Acreditamos, com isto, que o ser humano “é um ser muito complexo, que guarda ligações íntimas com outros elementos da natureza” (MATTOS, MAGALHÃES & ABRÃO, 1991, p. 33). Então, torna-se inerente a cada ser humano refletir sobre o mundo que o cerca, mas nem sempre sobre o que suas ações podem causar nesse mesmo mundo. Muitas das ações humanas refletem individualmente e outras trazem modificações em todo um grupo social, apesar de nem todas serem positivas ou eficientes, como o caso da falta de cuidados ambientais que aparecem na Vila M.A.P.A.

Um tema que ainda gera curiosidade e dúvida nas pessoas está relacionado ao Meio Ambiente e às implicações da sua preservação ou devastação. Esse assunto envolve implicações afetivas, culturais, sociais, éticas, econômicas, ou seja, da vida dos cidadãos. A vida das crianças é afetada quando sobram restos e grande quantidade de materiais que vão para o lixo nas suas casas e não são aproveitadas, já que poderiam gerar renda. Também quando se usam fontes de lazer relacionadas ao ambiente, como praças e parques, que são mais agradáveis quando os usuários manifestam ações de preservação; além de muitos outros exemplos.

³ PIAGET, disponível em <<http://www.pensador.info/frase/NTE5NDEy/>>, acesso em 12 out. 2010.

A curiosidade das crianças é uma importante ferramenta a ser utilizada pelo professor no cotidiano das aulas, já que possibilita maiores trocas e respostas da turma. Isto foi percebido durante o estágio. Percebi também que as relações de cooperação representam uma possibilidade de desenvolvimento da inteligência, com a troca de pontos de vista, argumentação e debates entre os indivíduos (LA TAILLE, 1992, p. 19).

As crianças estão permanentemente num processo de construção do conhecimento. Nesse processo, muitas idéias, diferentes linguagens, formas de expressão e significação podem ser percebidas.

É na interação com outros indivíduos, que o conhecimento da criança é construído. Se ocorrerem relações de reciprocidade, o processo é favorecido. Mas, como as crianças apresentam dificuldades em se permitir colocar no ponto de vista do outro, o que acaba se manifestando é o egocentrismo. (LA TAILLE, 1992, p. 15)

Proporcionar atividades e oportunidades de desviar o olhar de si mesmo e compartilhar pensamentos com os semelhantes é um meio de incentivar atitudes de solidariedade, participação e engajamento por parte das crianças.

Também é interessante que as crianças desenvolvam sua autonomia, para que possam atuar na resolução de problemas. A “autonomia significa ser capaz de se situar consciente e competentemente na rede dos diversos pontos de vista e conflitos presentes numa sociedade” (LA TAILLE, 1992, p. 17). Foi com estes princípios que busquei o debate sobre temas ambientais da comunidade, envolvendo de forma colaborativa, as crianças nestas descobertas.

Segundo Lima (In.: FREITAG, 1997, p.104) “os processos didáticos baseados em Piaget superam o tempo e o espaço e independem de constructos culturais como alfabetização: seu objetivo é estimular o desenvolvimento mental”, de onde se pode entender que o professor deve ocupar-se do desenvolvimento cognitivo das crianças, através de planejamento e ações que levem os alunos a participar ativamente desse processo.

O conhecimento é construído pelos indivíduos sempre a partir das condições de vida que eles possuem, onde existem contradições e problemas que exigem respostas. Observar a expressão de comportamentos e atitudes

nas brincadeiras das crianças é uma maneira eficiente de analisar suas interações e processos mentais (LA TAILLE, 1992, p. 15).

Afinal, a cultura que conta num indivíduo é sempre a que resulta da formação propriamente escolar (...) ou é aquela que a escola logrou desenvolver em virtude de incitações ou de interesses provocados independentemente do que parecia essencial na formação considerada de base? (PIAGET, 1998, p. 14)

Muitas teorias tentaram explicar as transformações ao longo do desenvolvimento intelectual humano, mas foi necessário caracterizar a constituição das estruturas da inteligência e, num momento posterior, esclarecer as passagens entre estágios menos desenvolvidos para etapas mais desenvolvidas. Estas afirmações são possíveis através dos estudos de Piaget e sua epistemologia genética. (AZENHA, 1998)

Piaget se dedicou muito a explicar a maneira como o ser humano elabora o conhecimento, fator que diferencia a espécie humana de outros animais. Para tanto, não se baseou apenas na Biologia, mas a unir a Filosofia e a Psicologia a esta área do conhecimento.

Em teorias anteriores aos estudos de Piaget, existe uma dualidade: quando existe um todo e partes que o constituem, ocorre um determinado equilíbrio, mas sempre existe um predomínio do todo sobre as partes ou das partes sobre o todo. O equilíbrio entre o todo e as partes, sem a preponderação de um ou de outro, é característico da teoria piagetiana, onde a inteligência trabalha com conceitos de reciprocidade e estabilidade. Piaget trouxe uma inovação às teorias anteriores, onde se considerava apenas um dos pólos: o sujeito e suas ações, ou o objeto e as respostas que causava nos seres aprendentes. (AZENHA, 1998)

Para Piaget “as estruturas operativas não resultam da aprendizagem (exercício), nem de programa hereditário inato: assim, não podem nascer senão de uma construção” (LIMA In: FREITAG, B. (Org.), em 1997, p. 104). De onde se pode depreender o termo ‘construtivismo’, que pouco foi usado por Piaget nos seus escritos.

O construtivismo toma para si a função de explicar a continuidade existente entre as funções inferiores e superiores na construção do conhecimento.

A teoria de Piaget parte de um 'a priori funcional' (funcionamento inato) que faz o organismo interagir com o meio (assimilação-acomodação), produzindo a evolução, isto é, o desenvolvimento e o crescimento (equilíbrio majorante). (LIMA In: FREITAG, B. (Org.), 1997, p. 106)

O construtivismo não deve ser tomado como um método didático, pois, na realidade, se dispõe a descrever o funcionamento dos seres vivos, em particular os seres humanos, quando estabelecem novas estruturas fundamentais para a construção do conhecimento. Daí cabe ao professor propor situações que estimulem uma proposta construtivista, onde os alunos elaborem essas estruturas e desenvolvam habilidades diversas.

Como se vê, o 'construtivismo piagetiano' consiste numa atitude de estimulação da inteligência das crianças, independentemente de qualquer programação escolar pragmática (aquisição de habilidades), (...) pois o organismo funciona através de um processo de construção de estruturas de comportamento. (LIMA In: FREITAG, B. (Org.), 1997, p. 108)

A teoria construtivista do conhecimento, de Jean Piaget, refere-se aos mecanismos universais do pensamento humano. Então, o processo educacional deve ter por objetivo o desenvolvimento mental da criança. (LIMA In: FREITAG, B. (Org.), 1997)

Ainda na linha da construção do conhecimento, alguns instrumentos podem ser utilizados para proporcionar efetivamente essa construção. É o caso de atividades sugeridas pelas teorias de Freinet, como, por exemplo, a aula-passeio, o texto livre, a auto-avaliação.

Celestin Freinet foi um educador francês do início do século XX, se dedicou a construir uma proposta pedagógica tendo como base sua própria experiência como professor. Para quebrar a tradição dos métodos onde o conhecimento ocorre das partes para o todo, e que, na maioria das vezes, não são eficientes, Freinet traz a importância das experiências de vida das crianças.

FREINET (1977 *apud* GALARZA, 1987, p. 39) afirma:

Ao comparar a eficiência dos métodos escolásticos com as aquisições obtidas experimentalmente através da vida; (...) fiquei convencido que havia necessariamente algo de deturpado no

processo de ensino da Escola, algo que fazia com que, para nós, a máquina funcionasse muito mal, com um rendimento ínfimo”.

Ainda enfatizando o pensamento pedagógico de Freinet (1977 *apud* GALARZA, 1987, p. 39): “as ideias só se inscrevem no nosso comportamento e na nossa vida se tiverem bases na experiência complexa dos indivíduos”. Isso nos mostra a importância da experimentação na construção do conhecimento proposta por este pensador.

Outro autor que também nos traz importantes contribuições é Vigotsky, psicólogo russo também do início do século XX, quando afirma que a comunidade onde se insere o aluno tem grande influência na construção do conhecimento. Podemos depreender que a aprendizagem não é um processo ensinado pelo professor, mas algo a ser construído em grupo, no convívio social.

Ao enfrentar e ser confrontado com situações-problema, cada aluno pode reconhecer nos seus pares, alguém que pode lhe dar apoio. O processo decorrido para a solução de um problema é que simboliza o real aprendido por parte das crianças.

Outra teoria importante para este trabalho é a que se refere ao construcionismo. Ao falarmos neste conceito, estamos nos remetendo a uma teoria proposta por Seymour Papert, matemático norteamericano da atualidade, que enfatiza a construção do conhecimento com o uso da informática, do computador, para produzir um produto através de uma ação concreta. Esse produto pode ser um texto, uma imagem, e necessariamente, estará vinculado ao cotidiano do aluno. Tem em comum com o construtivismo o fato de que consiste em uma interação de mesmo grau entre o sujeito e o objeto para a construção de novos conceitos. O conceito de construcionismo enfatiza algumas idéias construtivistas. Podemos afirmar que o entendimento dos processos de construção do conhecimento auxilia o professor a formular suas atividades de sala de aula. Nesse caso, o construcionismo salienta a produção do conhecimento por cada aluno, cada indivíduo, de forma única. E esse conhecimento construído, deve ser compartilhado com os demais componentes, representantes do grupo onde cada aluno está inserido. Seguindo esses

preceitos com o auxílio do computador e de ferramentas informatizadas de aprendizagem é que podemos entender as idéias de Papert.

Os conceitos desenvolvidos acima fazem parte do ensino por ciclos de formação, adotado na EMEF Heitor Villa Lobos e nas demais escolas pertencentes à Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Podemos entender a proposta do ensino por ciclos como uma “reorganização do tempo e espaços da escola, de forma global e totalizante, que garanta o ingresso e a permanência do aluno na escola e o acesso ao conhecimento nela produzido” (Princípio 46 – SMED – Congresso Constituinte Escolar, ROCHA, 1999)

Em cada Ciclo de Formação, existe um conjunto de princípios e conhecimentos que norteiam, complexificam e aprofundam o trabalho pedagógico e o caminho percorrido desde o primeiro ano do primeiro ciclo até o último ano do terceiro ciclo, isto é, do início até o final do Ensino Fundamental. (ROCHA, 1999, p. 12)

O Ensino Fundamental se compõe, então, de nove anos, divididos em três Ciclos de Formação: o Primeiro Ciclo compreende aos três primeiros anos – A10, A20 e A30; o Segundo Ciclo compreende três anos intermediários- B10, B20 e B30; e o Terceiro Ciclo, engloba os três anos finais- C10, C20 e C30. (ROCHA, 1999)

O ensino estruturado por Ciclos de Formação pretende contemplar as diferentes etapas de desenvolvimento dos alunos, como as etapas de operações concretas e de raciocínio lógico-abstrato.

A turma que fez parte da minha ação pedagógica, a B12, faz parte do Segundo Ciclo e corresponde ao quarto ano do ensino de nove anos ou à terceira série do Ensino Fundamental. No decorrer do Primeiro Ciclo é enfatizada a alfabetização, a leitura e a realização de cálculos simples de adição e subtração. Já no Segundo Ciclo, a leitura, a interpretação de textos, as quatro operações matemáticas e a leitura de mundo das crianças recebem maior ênfase, para que se propicie outras e novas aprendizagens.

2. PRÁTICA DOCENTE: alguns relatos

Durante o desenvolver desse capítulo apresentaremos características e particularidades da escola onde realizamos nossa prática docente. Aqui também aparecerão descrições e reflexões sobre as atividades que realizamos com as crianças da turma B12, o que essas atividades nos trouxeram de contribuição e como foram as respostas e aprendizagens dos alunos em relação às nossas propostas diárias para sala de aula.

Desde o início de nosso trabalho nos foi possível perceber, de uma forma mais sensível, que aos poucos este tomava forma e identidade, capaz de envolver tanto a turma quanto a professora. Não se tratava de um projeto limitado e rígido, mas sim, de uma proposta flexível que pôde ter suas modificações e acréscimos de acordo com o interesse da turma e suas possibilidades.

Na saída de campo nas imediações da escola, num local chamado de “valão” e em uma região a qual a comunidade chama de “Elo”, os alunos observaram com maior veemência o lixo que está depositado ao longo do arroio Mato Grosso e que é fruto das atitudes das pessoas da comunidade, e que elas deveriam ter outra postura diante da preservação do arroio, das ruas e como organizar o lixo e como colocá-lo no local adequado. Também puderam refletir sobre o fato de que, a partir desta organização e separação do lixo, surgiriam oportunidades de trabalho e renda para os funcionários da reciclagem.

Com o histórico da Vila MAPA e da nossa escola, foi proposta a confecção de cartazes em grupos. Pudemos perceber que de acordo com a organização desta atividade, em cinco grupos de quatro alunos, as crianças se organizaram para determinar a forma com que o cartaz seria apresentado,

quem iria fazer as letras, quem iria passar as canetas coloridas e como o grupo iria trabalhar. O trabalho em equipe exigiu organização e respeito com a opinião dos colegas. Alguns estudantes se destacaram em suas lideranças, outros em sua autoridade e outros em autonomia.

Durante nossa saída de campo foi necessário uma intervenção para que o grupo focasse suas atenções em nosso propósito de saída e que os alunos não se dispersassem do local e do assunto em questão. Tornou-se uma proposta extremamente desgastante esta saída pelas atitudes dos alunos com correrias brincadeiras, empurrões e afastamento do grupo, mas conseguimos atingir os objetivos propostos. Quando retornamos para a escola, os alunos estavam muito interessados nas suas produções, pois seriam expostas na escola e muitos colegas teriam acesso aos seus relatos escritos e desenhados. Os relatos escritos necessitaram de certa intervenção quanto à ortografia, mas os alunos estavam dispostos a participar e colaborar com os registros da nossa primeira saída de campo.

2.1. A Escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Villa Lobos está localizada na vila MAPA, Lomba do Pinheiro na zona leste de Porto Alegre. Acesso razoável com uma linha de ônibus, em média 19 km do centro da cidade. A vila MAPA possui casas de comércio de pequeno porte como: bares, padarias, mini-mercado, loja de bazar e fruteira. Uma igreja da qual não percebemos a atuação, o CESMAPA (centro comunitário) e uma escola de samba. A MAPA - Movimento Assistencial de Porto Alegre - já cresceu no seu entorno com algumas "invasões" de terrenos e é dessa forma que a comunidade chama estas áreas. Junto com a vila, há localidades como: Chácara das Peras, Quinta do Portal, às quais nossa escola atende.

A Vila MAPA é uma comunidade de periferia, com características dentro da realidade de uma comunidade popular, em grandes centros urbanos, portanto, as questões sócio-econômicas estão fortemente ligadas ao processo

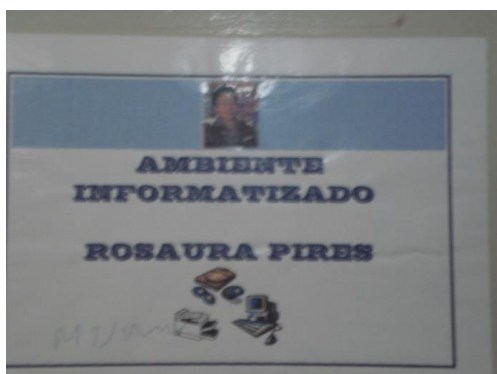
da comunidade em geral e da comunidade escolar. Podemos agregar a esta problemática, pontos muito comuns para a realidade da sociedade, como: desemprego, empregos informais, baixa renda, desestrutura familiar, tráfico de drogas e sua influência na comunidade, necessidade de oportunidades e qualificação profissional.

A E.M.E.F. Heitor Villa Lobos, atende durante os três turnos, sendo a noite com Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tem uma média de 1400 alunos e 76 professores, 15 funcionários e 3 estagiários. Conta com três pavilhões de alvenaria, sendo um menor, que atende turmas de A10 com uma pequena pracinha; três salas de madeira em péssimas condições; refeitório, sala da Orquestra de Flautas; salas que atendem respectivamente o serviço de Orientação Escolar, o Serviço de Supervisão Escolar, a Secretaria e a Direção da Escola; 21 salas de aula; um Ambiente Informatizado, na média com 13 computadores funcionando com uma escala de um período semanal por turma; uma sala para o Laboratório de Aprendizagem para os casos de alunos com muitas dificuldades na aprendizagem; sala de Multimeios; Biblioteca; quadra de jogos e ginásio; banheiros para os alunos (em bom estado). A escola possui rampa no pátio para cadeirantes. Sobre este, considero-o com tamanho inadequado ao volume de alunos da escola. Para a prática de Educação Física a escola conta com um ginásio de esportes, mas que não atende a toda a demanda por falta de espaço físico, já que mais de uma turma realiza a prática esportiva no mesmo período de aulas.

A escola atende alunos de 6 a 18 anos, com turmas de A10 a C30 e EJA. O regimento da escola está em construção. A proposta pedagógica segue as normativas do caderno 9, citado como referência neste trabalho, de acordo com o que determina a Secretaria de Educação do município de Porto Alegre para todas as escolas da rede. O atendimento da Sala de Integração e Recursos, suporte para estimular alunos com deficiência, ocorre fora da escola. As reuniões pedagógicas são semanais em média com duração de 1h30min. A cada trimestre são realizados Conselhos de Classe com a participação dos pais. A avaliação escolar é realizada através de parecer que conceitua em A (atingiu os objetivos propostos), AP (atingiu em parte) e NA (não atingiu) ou NAV (não avaliado).

A turma B12 possuía, 26 alunos matriculados e freqüentando, sendo 11 meninas e 21 meninos, com faixa etária entre nove e quatorze anos. É um grupo sem grandes problemáticas de disciplina, porém com dificuldades na área cognitiva, na interpretação de textos, enunciados e leituras em geral. Gostam de trabalhar nas áreas da matemática e educação física. Não há uma autonomia no desempenho das tarefas. Percebemos que não há, por parte destes alunos, o hábito de colocar suas opiniões e demonstrá-las. Durante a semana, a turma conta com um professor referência, que é quem ministra Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, permanece maior número de períodos e responde pela turma. Para outras disciplinas, como Espanhol, Educação Física e Arte-Educação existem professores especializados, que têm uma carga horária semanal menor com a turma e desenvolvem apenas sua disciplina específica, em momentos onde o professor referência não está com sua turma.

Como recursos materiais para nossas aulas do período de estágio, utilizamos a sala do Ambiente Informatizado, com treze computadores para uso dos alunos. Além disso, diversos outros materiais foram importantes nas aulas, desde folhas de papel, lápis e borracha até CDs, DVDs e aparelho de DVD.



Fotografia 1 – Detalhe da porta da sala do ambiente informatizado da Escola Heitor Villa Lobos.

A sala de aula, onde foi realizado o estágio, está localizada no primeiro pavilhão, no segundo piso da escola. Lá ficam expostos os cartazes das produções dos alunos e demais de acordo com o assunto do conteúdo sendo trabalhado. Há alguns jogos disponíveis e material concreto para uso em matemática. São utilizados livros didáticos fornecidos pelo MEC e escolhido pelo grupo de professores.

2.2 Relatos da prática

O processo de trabalho previa a realização de um conjunto de atividades com objetivos diversos e complementares: construção de conceitos, aplicação de conhecimentos debate de ideias...

Como objetivo principal, durante nosso processo de Prática Pedagógica e desenvolvimento de atividades, buscamos efetivar no trabalho em sala de aula as aprendizagens realizadas durante o curso de Pedagogia, utilizando recursos diferenciados. Sendo assim, realizar o que poderia ser considerado um trabalho com bons resultados dentro dos objetivos propostos para a interação entre professora e alunos. Buscamos, nesta proposta, realizar uma reflexão constante da prática em sala de aula, pois a reflexão e a reconstrução farão a diferença na nossa prática futura como educadora e na formação de cidadãos críticos.

A prática docente com a turma B12 buscou atender a algumas necessidades dos alunos como aprendentes. Nossas ações foram importantes para auxiliar os alunos a efetivar a alfabetização, enriquecer seu senso crítico, expor ideias de forma clara na expressão oral e escrita. Incentivar a cidadania na percepção das problemáticas ambientais da comunidade proporcionando um cunho social diante destes fatos também fazia parte do universo de âmbito geral das nossas intervenções pedagógicas.

Todos os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver a capacidade de pesquisa e reflexão através dos temas abordados e, também, com a análise das imagens coletadas através de fotografias da comunidade, exercitar o senso crítico e questionador acerca da sua realidade social. Foi uma maneira diferente de abordar a temática para além dos tradicionais textos escritos. Agora, esta realidade estava representada através das fotografias com o olhar das crianças fotógrafas. Para a realização de registros das atividades, contamos com os computadores do Ambiente Informatizado da escola, onde os alunos escreveram impressões sobre a saída de campo.

Este projeto de trabalho teve como objetivos:

- incentivar a busca do aluno no seu material de trabalho e, a partir das suas escolhas, das suas imagens significativas, perceber quais são as problemáticas ambientais da comunidade;

- relacionar o assunto em pauta com os demais conteúdos trabalhados no planejamento que tem como foco a questão ambiental e os conteúdos previstos no planejamento do ano ciclo elaborado pelo grupo de professores da escola;

- abordar no estudo do bairro, suas características enquanto meio, possibilidades de preservação através da educação da comunidade e, também, realizar o mesmo exercício com relação ao município, dentro do entendimento dos alunos;

- inserir no planejamento, textos para trabalhar a interpretação, ortografia e pontuação que tenham relação com o tema proposto.

Percebemos, também, que utilizar imagens seria interessante como “norte” para nosso trabalho. Assim, diante das conversas com a turma sobre nossas saídas de campo para obtenção de fotografias, a turma citou lugares da comunidade que seriam adequados para visitarmos. E que muitos lugares dessa mesma comunidade estavam "destruídos e sujos".

Desde o início de nossa prática pudemos observar pequenas melhoras na participação, organização e interação das crianças com a proposta de trabalho.

Durante nossa prática pedagógica formulamos objetivos em relação às atividades desenvolvidas pelos alunos. Alguns desses objetivos eram que os alunos deveriam proceder à análise de material sobre ambiente, a produção de textos com coerência e seqüência lógica, a interpretação de textos, a solução de cálculos de adição, subtração e multiplicação, compreensão da importância e dos diferentes aspectos do município de Porto Alegre, especialmente no que diz respeito à zona leste, à Lomba do Pinheiro e à Vila MAPA. Os alunos também deveriam identificar e propor soluções para as problemáticas ambientais do entorno da escola, como o caso do Arroio Mato Grosso⁴, a

⁴ O Arroio Mato Grosso faz parte da bacia do Arroio Dilúvio. Vários arroios na região leste de Porto Alegre contribuem para a formação da barragem da Lomba do Sabão e que deságuam no Arroio Dilúvio. São lugares de natureza privilegiada, com a beleza das nascentes de águas limpas brotando da terra. As invasões dessas áreas, a criação de suínos, o lixo doméstico são

importância da coleta e separação adequadas do lixo e o adequado tratamento de água e esgoto.

Assim, pudemos unir nossas questões ao trabalho sobre a preservação ambiental e suas problemáticas na comunidade. Dessa forma redefinimos nosso projeto nas questões ambientais da comunidade da Vila MAPA e nesta questão, centramos nosso olhar.

Usamos as questões ambientais porque este assunto já havia surgido no mês de março nas nossas abordagens no conteúdo de Ciências, que enfatiza o estudo do meio ambiente com ênfase nas comunidades, segundo o planejamento do primeiro trimestre do ano letivo.

No intuito de reforçar os objetivos propostos, os alunos também deveriam formular cartazes e informativos sobre as idéias e conceitos desenvolvidos nas saídas de campo, jogos e atividades pedagógicas de sala de aula. Para isso se tornou importante o aprendizado da aplicação de dicionários e a escrita de forma correta, conforme a ortografia da norma culta.

Abaixo se encontram comentadas diversas atividades propostas e executadas durante os encontros da nossa prática docente, no período de 12 de abril a 16 de junho de 2010.

Algumas proposições iniciais para nossa prática foram a apresentação do trabalho para a turma e a construção de textos coletivos sobre o assunto que seria nosso foco principal.

Como a EMEF Heitor Villa Lobos possui uma Orquestra de Flautas amplamente conhecida no meio cultural de Porto Alegre e, até mesmo, do estado e do País, e esta orquestra comemorou no ano de 2010 seus dezoito anos, consideramos esse um tema a ser desenvolvido com as crianças, com a elaboração de material comemorativo e o enfoque da história da Orquestra, paralelo à temática que vínhamos discutindo. Isso nos faz pensar que o planejamento não é algo estanque, tampouco linear. Como esta comemoração da orquestra era parte integrante do cotidiano escolar e significativa para as crianças, não vimos necessidade, nem que fosse apropriado, subsumi-la por estarmos trabalhando com outro tema.

as principais causas de poluição dessas áreas. O arroio Agronomia possui sua nascente junto à Vila MAPA e deságua uma razoável quantidade de água junto ao Arroio Dilúvio.

2.3. Avaliação das atividades e algumas reflexões

Para analisar a aprendizagem e as interações dos estudantes é sempre necessário que se lance mão de instrumentos que permitam sua observação. Algumas colocações dos alunos na “**avaliação da prática docente**”, feita na escola periodicamente, auxiliam na compreensão das questões abordadas neste trabalho:

A3, A4 e A5 “adorei a vizita no aroi o foi muinto legal vi o lixo e a casa davitorioa” (sic)

“Adorei. A visita no arroio foi muito legal. Vi o lixo e a casa da Vitória.”

A6, A7 e A8 “foi legu a saida no arroi o via casa do filipi” (sic)

“Foi legal a saída no arroio. Vi a casa do Filipe.”

A9, A10 e A11 “muitolegalA SAIDA NO VALO” (sic)

“Muito legal a saída no valo.”

A12, A13 e A14 “NOS VIOM O LIXO TEM QUE CUIDA O LIXODARUA” (sic)

“Nós vimos o lixo. Temos que cuidar do lixo da rua.”

A15, A16 e A17 “nos vimo o arroiolixoeacasadavtoriasacodelixogarafarefri e esgotu” (sic)

“Nós vimos o arroio, o lixo e a casa da Vitória. Saco de lixo. Garrafas de refrigerante e esgoto.”

A3, A7, A15 “nos fisemos s amqueti do escola a tais fes a grama e os guri a garagi” (sic)

“Nós fizemos a maquete da escola. A Taís fez a grama e os guris, a garagem.”

A10 e A11 “fis a garage da profe a padaria e o mercadinho” (sic)

“Fiz a garagem da professora, a padaria e o mercadinho.”

A9, A12, A13 “tinha omratio morto ab rua e o lixo da escola a maquete da rua da Scola” (sic)

“Tinha um rato morto na rua e o lixo da escola. A maquete da rua da escola.”

Durante todos os meses de estágio, o mais importante foi a observação do interesse e do grau de participação de cada aluno aumentar a cada dia. Como a avaliação não é um momento único, e sim um conjunto de momentos, um processo contínuo e em constante renovação, os alunos também foram avaliados nos momentos de correção de atividades de forma oral, no quadro verde e mesmo nos seus cadernos. Isso nos possibilitou diagnosticar possíveis dificuldades de compreensão ou aplicação dos conceitos e idéias trabalhados no cotidiano.

Também se fez importante, para a constante melhoria e o aperfeiçoamento da nossa ação docente, a avaliação da interação dos alunos, sua participação na saída de campo e suas observações quanto aos problemas ambientais e suas possibilidades de preservação.

Percebemos que não havia a possibilidade de estender por um longo prazo as atividades, já que era comum os alunos se dispersarem e perderem o interesse. Alguns ficam ansiosos em participar e colaborar com idéias. Certamente que nem todas são viáveis, mas sempre incentivamos a colaboração de todos. Por outro lado, notamos que aos poucos, os alunos conseguiram colocar sua opinião o que, muitas vezes, parecia um tanto difícil. Na primeira proposta de texto coletivo com gravura, sentimos certa dificuldade na participação dos alunos. Também apresentavam dificuldades de escrever um texto coeso. Essa construção foi demorada, pouco participativa, mas foi válida como uma primeira tentativa.

Para formalizar as aprendizagens dos alunos junto à escola e para a montagem de dossiês dos alunos, usamos atividades variadas de Linguagem, como produção textual, exercícios de gramática e ortografia, leitura e interpretação de textos tomando por base os assuntos tratados sobre meio

ambiente. Nas atividades de Matemática ressaltamos histórias matemáticas envolvendo principalmente adição e subtração e que falassem do tema preservação ambiental. Os trabalhos produzidos pelas crianças sobre a saída de campo e as pesquisas sobre a Vila MAPA e a escola, fundamentaram as avaliações de Ciências e Estudos Sociais. Também observamos as anotações e atividades registradas nos cadernos dos alunos, o que nos forneceu bons subsídios para as avaliações dos conteúdos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da prática pedagógica no estágio do curso de Pedagogia, muitas adaptações ao cronograma e aos interesses das crianças foram feitas. Inicialmente foi feito um planejamento das atividades a serem propostas e efetuadas com as crianças. Posteriormente, tendo em vista as demandas apresentadas, este planejamento foi modificado e adaptado de acordo com as respostas dos alunos às atividades. Os diferentes níveis de interesse dos alunos e a ocorrência de alterações de datas no calendário escolar também foram importantes para que se construísse um planejamento adequado.

Como o grupo de crianças a ser atendido na fazia parte da turma B12 da escola onde ministramos sou professora, foi possível observar as manifestações e atitudes em momentos diversos, como nas manifestações em aula por parte dos alunos, nos registros escritos sobre as atividades desenvolvidas e, principalmente, no engajamento e na solidariedade demonstrados nas atividades em grupo.

No início do mês de março contei às crianças que participariam de uma prática onde trabalhariam sobre meio ambiente com o uso de algumas mídias. Todos ficaram muito entusiasmados e impacientes para que chegasse o dia de iniciar as atividades.

A primeira coisa que nos chamou a atenção foi o fato de que todas as crianças se engajaram na proposta e se comprometeram a realizar as atividades. Num grupo com cerca de 26 crianças, onde algumas são muito

agitadas e desatentas, isso passou a ser um incentivo, antes mesmo do início efetivo dos trabalhos.

Nos primeiros dias da prática docente foram explicados os procedimentos durante os encontros previstos. As crianças realizariam as atividades em sala de aula, trabalhariam em conjunto com os colegas, produziram materiais para posterior exibição na escola e participariam das atividades propostas na sala de informática, fazendo registros de suas impressões.

No geral, com a observação de uma sala de aula com uma média de 26 alunos em cada encontro, foi possível perceber que sempre alguns alunos eram mais “visíveis”, mostrando mais suas produções e liderando as ações dentro dos grupos de trabalho. Outros alunos se apresentavam mais quietos e tinham maior interação diretamente com a professora, sem grandes demonstrações de envolvimento com os colegas. Os que tinham menos inclinação à participação em tarefas coletivas demonstraram menor interação, podendo ser notados pequenos avanços. Mas aquelas crianças que já participavam das aulas de alguma maneira, se tornaram mais solidárias e seu crescimento podia ser notado em suas atitudes nos trabalhos coletivos e nos seus registros escritos.

A seguir, buscamos apresentar algumas evidências do trabalho realizado, trazendo alguns exemplos da prática e do envolvimento das crianças que participaram deste projeto, apontando para mudanças de comportamento. Vamos iniciar falando sobre o aluno A1 (usaremos a letra A e um numeral para preservar a identidade das crianças):

A1 era uma criança que se apresentava desatenta, agitada e com problemas para se relacionar com os colegas, ainda não conseguindo demonstrar atitudes de cooperação. Tinha baixa tolerância às provocações feitas pelas outras crianças. Também possuía comportamento dependente de uma orientação da professora, precisando de mais autonomia. No decorrer dos encontros, A1 passou a ter melhores respostas nas atividades propostas e melhor conduta em sala de aula. Preocupava-se muito em realizar todas as atividades e que estas estivessem corretas. Quando as atividades passaram a ser realizadas em grupos, com as classes dispostas para quatro ou cinco crianças reunidas, houve uma melhora significativa nas atitudes de A1. Ele

passou a colaborar para o andamento dos trabalhos, deixou de implicar e brigar com os demais colegas por qualquer coisa, demonstrando que suas atitudes de cooperação estavam sendo melhoradas e aperfeiçoadas.

A aluna A2 mostrava-se muito empenhada em desenvolver as atividades da oficina de Educação Ambiental. Trazia muitas contribuições aos textos coletivos, à elaboração da listagem de palavras e à construção de conceitos sobre Meio Ambiente. Todas as atividades realizadas solicitavam a participação coletiva, a cooperação entre as crianças e A2 mostrou-se muito cooperativa, indicando que o fato de não poder registrar compreensivelmente suas impressões e aprendizagens de forma escrita, não a abatia e a aluna demonstrava características de uma líder. A2 foi uma das crianças participantes que, ao final dos encontros, demonstrou grande aprendizagem e interesse pelos temas desenvolvidos.

A terceira criança da qual falaremos sobre comportamentos e atitudes à luz de conceitos como autonomia e cooperação, é A3. Mostrava-se uma criança tímida e quieta durante todos os encontros. Ao mesmo tempo, era uma criança muito concentrada e atenta na realização das atividades propostas. Mas o que é importante destacar é que A3 necessitava sempre da aprovação da professora em todas as etapas de seu trabalho para que pudesse continuá-lo demonstrando que ainda não tinha desenvolvido suficientemente sua autonomia para a execução de tarefas. Aparentava uma grande insegurança. A falta de atitudes mais autônomas dificultava a cooperação e a colaboração de A3 nas tarefas realizadas em pequenos grupos, pois a interação entre os colegas no grupo, do qual A3 fazia parte, era sempre comprometida. No final do tempo para as atividades propostas, elas normalmente eram finalizadas pelo grupo de A3, mas depois de alguns percalços, como, por exemplo, a demora em chegar a um consenso entre os participantes para a conclusão do trabalho. A3 conseguia, ao final da nossa prática, confiar um pouco mais no seu próprio desempenho, mas seu crescimento foi tímido, pois continuava sentindo-se mais confortável ao trabalhar individualmente.

Os três relatos acima exemplificam situações diferentes encontradas em uma mesma turma de crianças em relação à autonomia, cooperação e participação coletiva em atividades diversas. Nessa trajetória percebemos um maior empenho do grupo nas atividades propostas em que os alunos

expressavam suas opiniões críticas, habilidades, observações, vivências, conceitos do cotidiano, além de situações onde era necessário o trabalho colaborativo em atividades manuais como painéis, maquetes, cartazes, depoimentos sobre o estudo realizado e suas aprendizagens, enfim, em diferentes momentos do cotidiano escolar. Nas saídas de campo, que Freinet denomina de "aula passeio", onde ocorre uma maior visualização do concreto, os alunos demonstraram interesse, organização, cooperação, engajando-se em um trabalho cooperativo, mesmo que em um primeiro momento estivessem um pouco dispersos.

Uma proposta de atividades ou mesmo atividades isoladas, planejadas conforme proposições e conceitos de Piaget, proposta defendida pela escola organizada por ciclos de formação, podem estimular a interação entre diferentes crianças e jovens com variadas características. Não é simples adaptar o planejamento a um grupo heterogêneo em idades e desenvolvimentos sócio-cognitivos, mas é possível sim proporcionar momentos de troca e incentivar novas ações num grupo disposto a participar. Isto significa aproveitar a diversidade da turma para proporcionar novas aprendizagens.

Piaget entende que o educador precisa utilizar estratégias que mobilizem os alunos a participar e descobrir o mundo. Defende que é fundamental a utilização do material concreto para a construção do conhecimento, partindo dos conhecimentos prévios para algo significativo, contextualizando o que se ensina. Piaget (1973, p. 14) expõe a importância da assimilação, o que significa ter consciência do que se faz através da ação, operação e manuseio, por parte do sujeito, do que deseja conhecer. Esta significação está em trazer para realidade aquilo que se aprende. É utilizar o conhecimento para a transformação social, conforme Paulo Freire.

Qualquer que seja o resultado de uma prática como a que realizamos, ele sempre será positivo. Mesmo que as transformações pelas quais as crianças passaram ao longo dos meses não sejam favoráveis ou sejam consideradas pequenas diante dos objetivos imaginados, todos os participantes são como o curso de um rio que nunca passa duas vezes pelo mesmo lugar e sempre se modifica. Usamos esta metáfora para dizer que as crianças que recebemos todos os dias, para mais uma tarde de aula, não são as mesmas que encontramos ao iniciar nossos trabalhos em abril. Na sua essência, cada

um desses sujeitos aprendentes e ensinantes mantém algo que conquistou através das atividades de educação ambiental.

É possível perceber nuances variadas de cooperação e, principalmente, solidariedade entre a turma, nas relações entre dois ou três indivíduos e coletivamente, na turma B12 como um todo, face à escola.

Para o futuro, acreditamos no fortalecimento das ações de Educação Ambiental da nossa Escola através da aplicação de projetos e atividades assim como as que foram realizadas, e com sucesso, no desenrolar dos meses da nossa prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. *Conversas sobre Educação*. Campinas, SP: Verus, 2003. 130 p.

ANTUNES, C. *Vygotsky, quem diria?! Em minha sala de aula: fascículo 12*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

AZENHA, M. 6 ed. *Construtivismo. De Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: Ática, 1998.

BRANCO, S. M. *Ecologia da Cidade*. São Paulo, SP: Moderna, 1991

BRUNO, E. B. G. *O trabalho coletivo como espaço de formação. In: O coordenador pedagógico e a educação continuada*. São Paulo, SP: Loyola, 2003. p. 13-15

FREINET, 1977 *apud* GALARZA, D. Alguns aspectos da proposta pedagógica de Freinet. *Revista de Educação AEC*. Brasília, ano 16, n. 63, p. 38 – 41, Jan/Mar 1987.

GALARZA, D. Alguns aspectos da proposta pedagógica de Freinet. *Revista de Educação AEC*. Brasília, ano 16, n. 63, p. 38 – 41, Jan/Mar 1987.

LA TAILLE, Y. *O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget*. In: LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M.K & DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. 7.ed. São Paulo, SP: Summus, 1992 . p.11-21

_____. *Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget*. In: LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M.K & DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. 7.ed. São Paulo, SP: Summus, 1992 . p.47-73

LIMA, L. *Construtivismo epistemológico e construtivismo pedagógico*. In: FREITAG, B. (org.). *Piaget: 100 anos*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 103-109

LOPES, C.V.M. & DULAC, E.B.F. *Idéias e palavras na/da ciência ou leitura e escrita: o que a ciência tem a ver com isso?* In: NEVES, I.C.B. & outros. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/ UFRGS, 2003. p. 37-44

MATTOS, N.S.; MAGALHÃES, N.W & ABRÃO, S.M.A.M. *Nós e o ambiente*. 3.ed. São Paulo, SP: Scipione, 1991. 56 p.

MORAES, R & RAMOS, M.G. *Construindo o conhecimento: uma abordagem para o ensino de Ciências*. Porto Alegre, RS: Sagra, 1988. 128 p.

PAPERT, S. *A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, J. Disponível em <<http://www.pensador.info/frase/NTE5NDEy/>>. Acesso em 12 out. 2010.

ROCHA, Silvio (org.). *Caderno Pedagógico nº 9: Ciclos de Formação Proposta Político Pedagógica da Escola Cidadã*. Porto Alegre: SMED, 1999.

SCHWEITZER, A. Disponível em <<http://www.frasesfamosas.com.br/de/albert-schweitzer.html>>. Acesso em 12 out. 2010.

ANEXOS

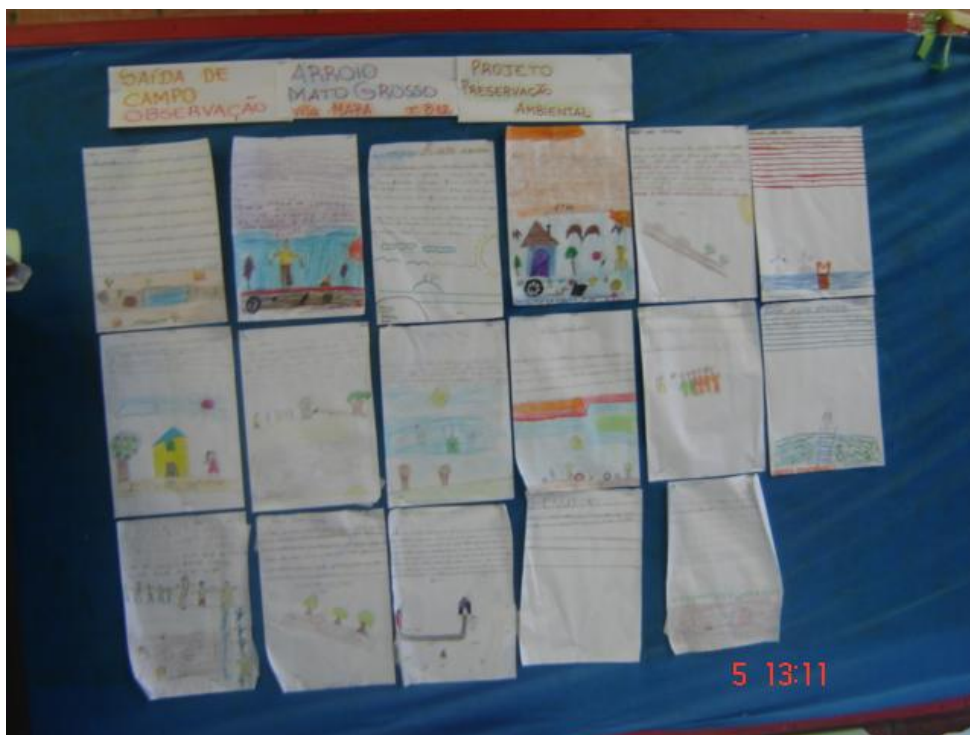
ANEXO 1

Cartaz produzido pela turma B12 onde é representado o caminho da escola até a rua do Arroio Mato Grosso .



ANEXO 2

Cartaz sobre a saída de campo ao arroio Mato Grosso, onde os alunos relatam suas observações com escrita e desenhos.



ANEXO 3

Maquete realizada pela turma que mostra a escola e suas construções próximas até o arroio Mato Grosso.



ANEXO 4

Jogo Soletrando: dois grupos da turma soletravam palavras relacionadas com o projeto.



ANEXO 5

Depoimentos dos alunos sobre o projeto, suas opiniões sobre o trabalho desenvolvido e as fotos da saída de campo realizada para conhecer o arroio Mato Grosso.

